

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA**



Trabalho de Conclusão de Curso

Disabilities Studies e Estudos Medievais: uma revisão bibliográfica

Rodrigo dos Santos Vieira

Pelotas, 2022

Rodrigo dos Santos Vieira

Disabilities Studies e Estudos Medievais: uma revisão bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Pelotas como requisito para aprovação
na disciplina de Monografia.

Orientadora: Daniele Gallindo Gonçalves

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V665d Viera, Rodrigo dos Santos

Disabilities studies e estudos medievais : uma revisão bibliográfica / Rodrigo dos Santos Viera ; Daniele Gallindo Gonçalves, orientadora. — Pelotas, 2022.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Medievo. 2. Desabilidades. 3. Preconceito. 4. Desigualdade social. I. Gonçalves, Daniele Gallindo, orient. II. Título.

CDD : 909.07

Disabilities Studies e Estudos Medievais: uma revisão bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Pelotas como requisito para aprovação na disciplina de Monografia.

Data da Defesa: 27/06/2022

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Daniele Gallindo Gonçalves (Orientadora)

Doutora em Germanistik/Ältere Deutsche Literatur pela Otto-Friedrich-Universität Bamberg

Prof^o. Dr^o. Paulo Cesar Possamai (Banca)

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

Prof^o Dr^o. Vinicius César Dreger de Araújo (Banca)

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a minha família, por ter me proporcionado a possibilidade de passar pelo ensino superior e por ter me apoiado emocionalmente e financeiramente durante esses anos em que estudei em uma cidade completamente desconhecida por mim. Meus esforços se dão graças ao carinho e força de vontade que me proporcionaram do primeiro dia até o último.

Ao meu amigo de infância Enzo Acosta Xavier por todos esses anos que passou comigo como colega no ensino fundamental, médio e superior. Sempre o considerei como inspiração para meus esforços nos estudos e agradeço imensamente o apoio emocional que me deste durante todos esses anos.

À minha amiga e colega Jessica Espírito Santo da Silveira, estudante esforçada que passou grande parte da produção dessa pesquisa comigo enquanto trabalhávamos juntos para vencermos no final.

À minha amiga e colega Soila Maria Maciel Braga, que foi como uma segunda mãe para mim durante meus anos na UFPEL. Uma das minhas maiores tristezas foi te ver partir tão cedo, gostaria que a senhora estivesse aqui pra nos ver. Descanse em paz, que Deus te receba de braços abertos.

Por fim, gostaria de agradecer a minha orientadora Daniele Gallindo Gonçalves, por ter me dado a chance de participar de uma família dentro da UFPEL junto ao POIEMA e ter me ajudado tanto durante a criação desta pesquisa, nunca vou esquecer tua paciência durante esses tempos difíceis.

Resumo

VIERA, Rodrigo dos Santos. **Disabilities Studies e Estudos Medievais: uma revisão bibliográfica.** Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Bacharelado em História. Universidade Federal de Pelotas. 2022.

Esta pesquisa tem como objetivos analisar a temática dos estudos de desabilidades e os preconceitos que giram em torno de pessoas com desabilidades, tendo como foco a historiografia desse tema e, de acordo, com essa construção historiográfica, pensar a forma como esses problemas eram vistos pela sociedade durante o medievo, assim como também trazer a vista as opiniões de múltiplos autores sobre o tema para que seja possível compreendermos os preconceitos, leis influenciadas pelas desabilidades, termos a opinião de pessoas que fazem parte desse grupo como escritores e ativistas. A escolha dessa historiografia em específico busca sanar uma lacuna aos estudos medievais em desabilidades, visto que ainda poucos trabalhos são produzidos em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Medievo; Desabilidades; Preconceito; Desigualdade Social.

Abstract

VIERA, Rodrigo dos Santos. **Disabilities Studies e Estudos Medievais: uma revisão bibliográfica.** Undergraduate Project – Bachelor's Degree in History. Federal University of Pelotas. 2022.

This research aims to analyze the theme of disability studies and the prejudices surrounding people with disabilities, focusing on the historiography of this theme and, according to this historiographical construction, to think about how these problems were seen by society during the medieval period, as well as to bring into view the opinions of multiple authors on the subject so that it is possible to understand the prejudices, laws influenced by disabilities, and to have the opinion of people who are part of this group as writers and activists. The choice of this specific historiography seeks to fill a gap in medieval studies on disabilities, since there are still few works produced in Portuguese language.

KEYWORDS: Middle Ages; Disabilities; Prejudice; Social inequality.

Sumário

1 Introdução.....	8
2 Estudos em desabilidades: para a compreensão de um campo	13
3 Desabilidades na história: prejuízos na sociedade e preconceitos	24
4 Breve análise dos preconceitos em perspectiva.....	35
5 Considerações Finais.....	42
Referências bibliográficas.....	44

1 Introdução

Com o passar dos anos, a visão que a sociedade tem sobre problemas incapacitantes como desabilidades mentais e físicas vêm mudando drasticamente, de forma que essas situações sejam abordadas de forma menos severa e com maior importância quanto à saúde das pessoas afetadas pelos mesmos. De acordo com Isaías Pessoti (1994, p. 1), em dois momentos diferentes foi possível observar a visão negativa sobre distúrbios, inicialmente na Grécia e Roma Antigas. Depois elas reaparecem durante a Idade Média, quando eram ligadas ao demonismo como forma de explicar as atitudes “fora do comum” das pessoas doentes. Essas questões religiosas e míticas seriam responsáveis pelo crescimento da psicofobia. Pessoti (1994) ainda comenta que a “psicofobia” se encontrava presente principalmente na época do medievo graças a essa interpretação demonizadora da Igreja Católica, tempo no qual é considerado o início dessa construção histórica que se tornaria um estigma importante a ser estudado por vários autores.

O surgimento de epidemias, como por exemplo a lepra presente no Oriente durante os acontecimentos das Cruzadas, seria um dos primeiros passos para o surgimento desses surtos fóbicos que seriam importantes para o desenvolvimento de métodos de prevenção desses problemas com a construção de leprosários na Europa, que viriam a ser a origem dos famosos manicômios medievais.

Com a passagem dos surtos de lepra após o fim das Cruzadas, os leprosários começaram então a ser ocupados por aflitos de doenças venéreas e pelos considerados “loucos”, todo esse espaço servia não como uma forma de tomar conta dessas pessoas que sofriam com diversos problemas, tanto mentais quanto físicos, mas serviriam principalmente como uma forma de exclusão social que seria utilizada ainda por centenas de anos após o período medieval.

Por meio dessa pesquisa, serão apresentados, através da historiografia, as aflições sofridas por esse grupo existente no medievo e a forma como esses problemas eram aproximados pela sociedade em seu respectivo tempo, levando como base os trabalhos de diferentes autores que se focam nessa questão em específico. Trata-se, pois, uma pesquisa inteiramente bibliográfica, fazendo uma análise dos autores referenciados durante o passar do trabalho, comentando também sobre as

pesquisas de Wendy Turner e Irina Metzler, devido as formas como a temática é abordada em cada uma das pesquisas.

As referências principais - 'Loucura na Lei Medieval e Costumes' (2010), de Wendy J. Turner, e 'Tolos e idiotas? Desabilidade intelectual na idade média' (2015), de Irina Metzler - foram pesquisadas de forma com que fosse possível compreender melhor e apresentar uma visão de dois aspectos importantes para a narrativa: como essa parte da população aflita durante a época do medievo era tratada quanto a questão de direitos e espaço social, assim como também se utilizou da segunda obra para analisarmos a questão de respeitos e preconceitos que recaem aos mesmos.

Apesar da utilização das vertentes apresentadas por essas duas obras, existem outros trabalhos que irão ser utilizados para a pesquisa que poderiam ser de possível interesse para os leitores. Um exemplo seria *A História da Loucura*, de Michel Foucault. O ensaio se baseia na apresentação de estudos de perspectiva arqueológica das ideias, práticas, instituições, arte e literatura concernentes ao tema da loucura na história ocidental.

Após leituras foi considerado que seria mais sensato focar os esforços do projeto no lado mais social da questão, pois caso o assunto se aproximasse da medicina ou muito extensamente na psicologia, a análise ficaria mais longa e complexa, impossibilitando compactar os estudos de forma mais efetiva, entretanto, é importante também comentarmos sobre as análises feitas na área da psicologia, uma vez que elas são presentes quando entrarmos na discussão dos estudos de desabilidades.

O objetivo geral apresentado no percorrer do assunto tratado na pesquisa será principalmente a revisão bibliográfica do tema das aflições mentais e a percepção dessas mesmas na construção historiográfica, com a finalidade de compreender como os autores em questão analisam e constroem conhecimento acerca das desabilidades durante o medievo. A análise das formas como esses grupos de pessoas era percebida será feita em um nível social, e não necessariamente "medicinal", uma vez que o foco do projeto é simplesmente estudar uma situação e assunto que ainda não estão no foco da pesquisa dos profissionais que se especializam na área da medieval no Brasil. Nesse sentido os objetivos específicos desse trabalho são: cotejar a historiografia existente acerca do tema dos estudos sobre as consideradas mazelas humanas no período medieval; compreender como e através de que fontes a

historiografia construiu o saber acerca dessa temática; contribuir para essa discussão no espaço acadêmico brasileiro, tendo em vista que poucos são os estudos acerca dessa temática produzidos em língua portuguesa. Sendo assim, ao analisarmos a historiografia que temos em mão sobre esse tema podemos discutir de forma efetiva sobre os distúrbios e desabilidades nesse período histórico e com a observação dessas fontes previamente citadas, poderemos compreender de que forma foi possível para que esses autores tivessem êxito em suas pesquisas e como conseguiram formular o conhecimento sobre esse assunto. Considerando que grande parte da historiografia que podemos utilizar quando discutimos sobre esse assunto é estrangeira, é de suma importância que tenhamos estudos no espaço acadêmico brasileiro para que o assunto seja mais acessível para os possíveis interessados.

De acordo com *Routledge Handbook of Disability Studies* (Manual e Routledge de Estudos sobre Deficiência) (2012, p.3), é possível argumentar que existem três elementos chave para o desenvolvimento dos estudos de deficiências e desabilidades. Primeiramente seria a ideia de que pessoas com desabilidades são marginalizadas e exibem desvantagem constitucional; em seguida, a ideia de que essas mesmas pessoas constituem uma minoria; e por último, e talvez com mais importância, a ideia de que desabilidades são reconstruídas como um problema social, ao invés de medicinal. Esses quesitos são importantes para reconhecermos a importância desses estudos e o motivo para que os mesmos sejam pesquisados.

Wendy J. Turner (2010) e Irina Metzler (2015) irão argumentar sobre o assunto trabalhado em suas obras com aproximações diferentes; o trabalho de Turner se foca primeiramente na influência de desabilidades durante a história do período medieval e relatos deles durante o mesmo exaltando a importância de mais estudos sobre esse tema enquanto o de Metzler estuda os preconceitos (assim como os pré-conceitos, uma vez que, como dito anteriormente, foi durante esse período histórico que esse problema começou a ter maior visualização por parte das sociedades medievais).

Como foi comentado anteriormente no desenvolvimento da pesquisa, iremos utilizar também de outros estudos das autoras para compreender melhor o assunto. Vale à pena lembrar que esse projeto em específico estará focado nas questões sociais e culturais das sociedades medievais e sua visão quanto ao que está sendo discutido, portanto, não comentaremos sobre a mesma problemática num nível

explicitamente medicinal ou psicológico de forma com que a pesquisa conte majoritariamente com um viés historiográfico.

Uma cuidadosa inspeção dos registros relativos à sociedade medieval revela que, mesmo no século XV, uma porcentagem significativa das populações pobres e mentalmente incompetentes ainda era cuidada em nível local (...) os deficientes mentais eram cuidados em casa. A maioria dos adultos mentalmente incapacitados assumiu um papel ativo na sociedade medieval dominante e, a partir do século XIII, alguns receberam atenção e cuidados jurídicos especiais. Aqueles adultos com condições mentais mais severas não poderiam participar como adultos, e dentro de muitas fontes, eles eram referidos como se crianças¹ (TURNER, 2010, p.3, tradução nossa).

De acordo com a autora existem de fato ensaios legais comentando atos na Inglaterra medieval durante os séculos XIII e XV que implicam que antes mesmo do meio do século XIII pessoas com desabilidades mentais ficavam aos cuidados de suas famílias e lordes, e que seus filhos eram maltratados ou excomungados. Além dessas afirmações, esses ensaios mostram que no começo desse mesmo meio século a coroa obtinha a posse de tutela de todos os donos de terras “mentalmente incompetentes” uma vez que seriam teoricamente incapazes de se sustentar.

A diferenciação dos níveis de inteligência era até atribuída a demônios (...) *Historia Rerum Anglicarum*, mencionou um homem santo chamado Ketell que classificava demônios em uma escala que variava do relativamente inofensivo, considerado "pequeno, desprezível, impotente em força e enfadonho". compreensão '(parvos ac despicábios, impotentes viribus et sensu hebetes), para o' grande, robusto e astuto '(daemones magnos, robustos, et callidos). Observe os termos opostos, maçantes de compreensão e astúcia, e o uso do termo menos comum deve significar falta de competência mental² (METZLER, 2015, p. 222, tradução nossa).

Irina comenta em determinada parte do seu trabalho sobre a questão do nível de inteligência atribuída a pessoas com transtornos mentais, assim como a forma que essas pessoas são vistas. As referências feitas por ela servem como prova para a

¹ A careful inspection of records pertaining to medieval society reveals that, even as late as the fifteenth century, a significant percentage of the poor and mentally incompetent populations were still cared for on a local level (...) the mentally disabled were cared for at home. Most mentally impaired adults took an active role in mainstream medieval society, and beginning in the thirteenth century, a few received special legal attention and care. Those adults with more severe mental conditions could not participate as adults, and within many sources, they were referred to as if children.

² The differentiation of levels of intelligence was even ascribed to demons (...) *Historia Rerum Anglicarum*, mentioned a holy man named Ketell who classified demons on a scale ranging from the relatively harmless, considered 'small, contemptible, impotent in strength and dull in understanding' (parvos ac despicabiles, impotentes viribus et sensu hebetes), to the 'large, robust and crafty' (daemones magnos, robustos, et callidos). Note the opposing terms dull of understanding and crafty, and the use of the less-common term hebes to denote lack of mental competence.

afirmação de que esses problemas eram muitas vezes relacionados com motivos fora do comum que mudariam em grande parte a concepção de que se tinha sobre os “loucos”, que muitas vezes eram culpados de terem alguma ligação com bruxaria, demônios ou outras heresias.

Apesar da utilização dessas bibliografias, é importante também salientarmos o conceito de saber e poder de Michel Foucault na questão abordada por esta pesquisa. O autor faz um comentário importante em uma de suas obras que analisa essa justamente essa questão. Essa importância é devida ao fato de que as obras das autoras demonstram formas como pessoas com desabilidades eram tratadas, e logo, controladas de acordo com conhecimento que as pessoas tinham sobre esses problemas:

A forma como o louco era percebido e, posteriormente, dito, fazia parte de toda uma relação saber-poder. Para tanto seria realizada uma anotação do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber (...) a disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade... o exame é a vigilância permanente, classificatória, que permite distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte utilizá-los ao máximo. Através do exame, a individualidade torna-se um elemento pertinente para o exercício do poder (FOUCAULT, 1989, p. 106).

As instituições descobrem esse “saber” dos indivíduos doentes baseando-se em observações na forma como se comportavam. Com esses estudos, obtinha-se o conhecimento geral sobre as pessoas doentes que serviria como material importante para pesquisas que tivessem interesse nessa temática.

2 Estudos em desabilidades: para a compreensão de um campo

Os estudos de desabilidades começaram a ser formulados em meados dos anos 1960 e 1970, tornando-se futuramente uma área com interesse crescente entre estudantes de múltiplas áreas do conhecimento e de diversos países. Existem organizações acadêmicas específicas que estudam as desabilidades como foco principal; a *Society for Disability Studies* (SDS) nos Estados Unidos, a *Disability Studies Association* (DAS) no Reino Unido, a *Nordic Network of Disability Research* (NNDR) e a *Academic Network of European Disability Experts* (ANED), para citar algumas. As origens desses estudos se dão devido aos esforços de grupos de pessoas deficientes ao final dos anos 60, obtendo força para se juntarem em um momento em que não existia muito apoio para pessoas marginalizadas, similar a forma como diferentes etnias poderiam ser tratadas nos Estados Unidos (WATSON, ROULSTONE, THOMAS. 2012).

A deficiência tem funcionado historicamente para justificar a desigualdade para as próprias pessoas com deficiência, mas também o fez para as mulheres e grupos minoritários. Ou seja, não só tem sido considerado justificável tratar as pessoas com deficiência de forma desigual, mas o conceito de deficiência tem sido usado para justificar a discriminação contra outros grupos, atribuindo deficiência para eles. A deficiência foi um fator significativo nas três grandes cidadanias debates do século XIX e início do século XX: sufrágio feminino, liberdade afro-americana e direitos civis, e a restrição da imigração (DAVIS, 2014, p.17).

Quanto a questão das opiniões sociais diante de grupos minoritários, obras relacionadas aos estudos de gênero, sexualidade e raça normalmente comentam sobre situações como a falta de representatividade dessas pessoas, entretanto, apesar das desabilidades estarem presentes em meio a sociedade em uma escala relativamente grande, sua influência como grupo era fraca em comparação (TURNER; STAGG, 2006). Com o reconhecimento do “capacitismo”, isto é, os preconceitos em torno de pessoas com desabilidades em diversos níveis como institucional e social e o maior interesse nos estudos de desabilidades por pessoas de várias áreas, incluindo grupos de pessoas com deficiências adquirindo mais espaço, essa área de estudos conseguiu criar importantes metas que futuramente iriam ocasionar em modelos padrões a serem seguidos durante a pesquisa de desabilidades.

Os estudos relacionados a desabilidades mentais e físicas contam com uma variedade de pesquisas que analisam as origens desses problemas em diferentes

tempos, os grupos que eram aflitos por essas desabilidades, as visões da sociedade sobre essas pessoas e a forma como eram tratadas. Essas áreas geralmente estão ligadas de alguma forma à disciplina acadêmica de estudos de desabilidades, responsável pelas análises sobre elas de forma multidisciplinar, fato que dá a possibilidade de diferentes perspectivas sobre a influência das desabilidades físicas e mentais na sociedade. O ponto de vista do pesquisador que trabalha com desabilidades seguiu, de acordo com Bury (2001), um “modelo médico da deficiência”, do qual se utilizava da pressuposição de que a deficiência é uma doença a ser curada por meio de medicamentos e intervenções para que a vida do paciente seja mais longa possível, entretanto, a percepção desse modelo sobre pessoas com deficiência poderia ser interpretada como não inclusiva por implicar que esses deficientes estão fora da normalidade, defeituosos.

Apesar do modelo médico ser interpretado como antiquado devido ao fato de se tratar de uma análise do físico e da importância de remediar esses problemas debilitantes em oposição à tratar da reintegração desses grupos minoritários na sociedade (pelo menos, se interpretarmos essas regras com uma moralidade diferente da atualidade), ele foi um importante passo para que a análise feita sobre essas desabilidades tivesse um viés diferente do apresentado por sociedades na antiguidade, onde as opiniões e atitudes em volta das desabilidades tinham uma aproximação ao religioso, assunto que será abordado posteriormente nessa pesquisa. O “modelo de prescendência”, referindo-se à essa análise mística e agressiva sobre as desabilidades é comentado na obra *“El modelo social de discapacidad: orígenes, caracterización y plasmación en la Convención Internacional sobre los Derechos de las Personas con Discapacidad”* por Palacios (2008);

Um primeiro modelo, que poderia ser chamado de prescendência, no que as causas que dão origem à deficiência são consideradas como tendo um motivo religioso, e em que as pessoas com deficiência são consideradas desnecessário por diferentes motivos: porque se estima que não contribuem às necessidades da comunidade, que abrigam mensagens diabólicas, que são consequência da ira dos deuses, ou que - infelizmente -, suas vidas não valem a pena ser vividas. Como consequência destas premissas, a sociedade decide dispensar as pessoas com deficiência, uma vez que seja através da aplicação de políticas eugênicas, seja colocando-as no espaço destinado às classes anormais e pobres, com um denominador comum marcado pela dependência e submissão, no qual eles também são tratados como objetos

de caridade e sujeitos de assistência³ (PALACIOS, 2008, p. 26, tradução nossa).

Esse modelo trouxe uma narrativa diferente sobre as desabilidades, mas ainda assim, limita a visão que o médico ou sociedade tem sobre o deficiente; com a deficiência ainda sendo um estado físico muito estigmatizado no século XX, a opinião sobre esse indivíduo estaria muito ligada a forma como ele é percebido pelos outros, fazendo com que o paciente fosse simplificado a uma pessoa “deficiente” e, portanto, digna de pena. As desvantagens que assolam as pessoas com deficiências que estão tentando viver em sociedade seriam estritamente relacionadas a suas desabilidades em si, causando desconforto e dificuldades devido aos corpos que lhes pertencem, uma tragédia pessoal (GAUDENZI; ORTEGA, 2016).

Com o avanço da industrialização e as mudanças relacionadas ao trabalho que aconteciam nas sociedades ocidentais, assim como ideologias antiquadas como o Utilitarismo, Darwinismo social e a Eugenia, já se fomentava o medo de prejuízos que esses indivíduos poderiam sofrer, essas motivações justificariam a possibilidade de pensarmos sobre práticas de discriminação que ocorreriam contra essas pessoas, como a remoção das mesmas da visão de outras pessoas consideradas saudáveis. As atitudes acerca desses grupos minoritários mudaria com o passar dos anos desde a produção de políticas de eutanásia para pessoas com alguma forma de deficiência ou desabilidade que foram instituídas pela Alemanha nazista entre os anos 30 e 40, que consideravam essas pessoas como não dignos de suas próprias vidas por não serem vidas úteis (*Lebensunwertes Leben*) e, portanto, não coincidirem com a ideologia nazista (WATSON, et al. 2012). De acordo com Campbell e Oliver (1996), uma das motivações mais importantes para o surgimento de uma espécie de movimento que lutasse pelos direitos das pessoas com desabilidades era o fato de esses mesmos grupos não estavam em par economicamente com o resto da sociedade que estava aparecendo nos anos 60. O DIG (*Disablement Income Group*)

³ Un primer modelo, que se podría denominar de prescendencia, em el que se supone que las causas que dan origen a la discapacidad tienen un motivo religioso, y em el que las personas con discapacidad se consideran innecesarias por diferentes razones: porque se estima que no contribuyen a las necesidades de la comunidad, que albergan mensajes diabólicos, que son la consecuencia del enojo de los dioses, o que -por lo desgraciadas-, sus vidas no merecen la pena ser vividas. Como consecuencia de estas premisas, la sociedad decide prescindir de las personas con discapacidad, ya sea a través de la aplicación de políticas eugenésicas, o ya sea situándolas em el espacio destinado para los anormales y las clases pobres, com un denominador común marcado por la dependencia y el sometimiento, em el que asimismo son tratadas como objeto de caridad y sujetos de asistencia (PALACIOS, 2008, p. 26)

fora um dos primeiros grupos responsáveis pela tentativa da criação de um sistema de segurança social para pessoas que tivessem desabilidades, aplicando a renda de deficiência para essas pessoas.

O DIG atraiu a atenção de ativistas da deficiência em todo o país. Estes incluíam o futuro das figuras-chave no movimento de pessoas com deficiência no Reino Unido: Paul Hunt, Vic Finkelstein, Maggie Hines e Ken Davis. Eles logo rejeitaram a abordagem de renda estreita favorecida pela DIG e, mais tarde, o Disability Alliance (DA). O DA reuniu várias organizações de deficientes para fazer campanha para uma renda abrangente de deficiência. Desiludido com esta abordagem e sua dominação por "especialistas" sem deficiência, Hunt, Finkelstein e Davis, juntamente com outros ativistas com deficiência de mentalidade semelhante, definiram a União dos Deficientes Físicos Contra a Segregação (UPIAS) em 1974⁴ (WATSON; et al, 2012, p.13, tradução nossa)

Fora a DIG, que adquiriu rápido conhecimento entre grupos de ativistas em favor a atenção para as desabilidades e a DA (*Disability Alliance*), que obteve sucesso na campanha para possibilitar os benefícios para trabalhadores com deficiências, a UPIAS (*Union of the Physically Impaired Against Segregation*) foi possivelmente a organização mais influenciadora na história na luta por um modelo de pensamento diferente daquele imposto pela medicina. Analisando a obra de Hunt (1966), um ativista britânico deficiente que fora de grande importância para o desenvolvimento dos movimentos de direitos para pessoas com desabilidades, a forma como pessoas com desabilidades é vista pela sociedade é diferente por serem uma espécie de desafio para os valores sociais comuns, parecendo fracos e indefesos.

As definições sociopolíticas que eram trabalhadas pela UPIAS foram necessárias para que houvesse a separação da noção de imparidade num nível biológico e a desabilidade social, uma vez que imparidade é relacionada com a perda, ou então, dificuldade ou defeito de alguma parte do corpo em comparação com as desvantagens sociais sofridas pelos indivíduos com desabilidade (WATSON; et al, 2012). Essas definições diferentes foram aceitas por organizações de diferentes países que eram controladas por pessoas com deficiências; entre elas a BCODP (*British Council of Organisations of Disabled People*), controlada por pessoas com

⁴ The DIG has attracted the attention of disability activists across the country. These included the future of key figures in the UK disability movement: Paul Hunt, Vic Finkelstein, Maggie Hines and Ken Davis. They soon rejected the narrow-income approach favored by DIG and, later, the Disability Alliance (DA). The DA brought together various disability organizations to campaign for a comprehensive disability income. Disillusioned with this approach and its domination by non-disabled "experts", Hunt, Finkelstein and Davis, along with other like-minded disability activists, set the Union of the Disabled Against Segregation (UPIAS) in 1974 (WATSON; et al, 2012, p.13).

deficiências no Reino Unido e a DPI (*Disabled People's International*), organizada de forma internacional. As forças por trás dessas instituições trouxeram ainda mais interesse na discussão sobre desabilidades, fazendo com que elas fossem cruciais para o desenvolvimento do que seria considerado o modelo social de deficiência.

Durante a metade do século XX, o trabalho de grupos participantes do movimento das pessoas com deficiência foi de grande importância para o avanço do chamado “modelo social da deficiência”, que tinha uma proposta diferente do modelo medicinal; ao invés de focar em “curar” essas pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, o objetivo primário do modelo é a procura por direitos e acessibilidade para os indivíduos. A existência do modelo social é importante para que tenhamos a opinião e visão desses grupos marginalizados e que possamos criar discussões e pesquisas que envolvam diferentes tipos de vivências.

Para compreender o significado das implicações do raciocínio do modelo social, é importante lembrar que, até muito recentemente, "deficiência" era vista quase exclusivamente como um problema médico individual ou "tragédia pessoal" na cultura ocidental. No entanto, há uma abundância de evidências antropológicas e sociológicas que sugerem que as respostas da sociedade às pessoas com deficiências ou condições de saúde de longo prazo variam consideravelmente ao longo do tempo, cultura e local [...] A base filosófica e cultural sobre a qual a resposta individualista negativa à deficiência repousa está firmemente enraizada nas fundações da cultura ocidental. Embora a grande maioria das pessoas com deficiência tenha sido integrada à comunidade antes da revolução industrial, há evidências substanciais de que a opressão e o preconceito eram generalizados⁵ (WATSON et al., 2012, p. 12, tradução nossa).

Os estudos de desabilidades ganharam maior visibilidade e adquiriram mais interesse de futuros pesquisadores na medida que essa área estava se expandindo; com os esforços dessas organizações que estavam a favor de melhoras sociopolíticas para pessoas com deficiências e uma expansão do conceito sobre o que seria considerado “desabilidade” que veio com elas, a categoria de estudos relacionados a deficiências foi além do que era esperado, incluindo também o interesse na área de

⁵ To understand the significance of the implications of social model reasoning it is important to remember that until very recently ‘disability’ was viewed almost exclusively as an individual medical problem or ‘personal tragedy’ in western culture. Yet there is a wealth of anthropological and sociological evidence to suggest that societal responses to people with impairments or long term health conditions vary considerably across time, culture and location [...] The philosophical and cultural basis upon which the individualistic negative response to impairment rests is rooted firmly in the foundations of western culture. Whilst the vast majority of people with impairments were integrated into the community prior to the industrial revolution, there is substantial evidence that oppression and prejudice was widespread.

estudos de distúrbios mentais. Os trabalhos de diversos autores nos anos 80 foram responsáveis pelo desenvolvimento do que seria futuramente considerado *Disability Studies*.

Com o desenvolvimento dos Estudos da Deficiência, a gama de órgãos que podem ser considerado 'inválido' foi alargado. Embora o conceito de deficiência tenha sido frequentemente aplicado a deficiências físicas historicamente associadas ao 'Aleijado', nos últimos anos as fronteiras se alargaram para incluir deficiências de cegueira e surdez, deficiência mental, psiquiatria de longo prazo impedimentos e deficiências associados à velhice. Ao mesmo tempo, o formas linguísticas que rotularam os indivíduos como 'deficientes', 'aflitos', 'Deformados' ou 'deficientes' começaram a atrair a atenção com o objetivo de compreender sua contingência histórica. Uma 'nova história de deficiência' está tomando forma que reconhece a dimensão corporal da experiência humana e suas consequências para o funcionamento diário, enquanto se esforça para compreender as contingências que moldam, refletem, expressam e resultam dessa dimensão⁶ (TURNER; STAGG, 2001, p. 3, tradução nossa)

Ocorreu no Reino Unido a primeira versão de um curso sobre desabilidades chamado "*The Handicapped Person in the Community*", desenvolvido e organizado por pessoas que constituíam um grupo multidisciplinar ligado a *Open University* como parte dos ensinamentos na área de Saúde e Estudos Sociais. A versão final desse programa expandiu-se para abranger uma maior área de estudos, possibilitando que fosse criado outros cursos relacionados a estudos de desabilidades em vários níveis de ensino em universidades do Reino Unido (WATSON et al, 2012).

Nos Estados Unidos, os estudos de desabilidades foram desenvolvidos nas universidades por acadêmicos com interesse sobre o assunto, sendo que o primeiro curso constituído com o objetivo de estudar a fundo a área foi estruturado em volta da sociologia medicinal. Em 1981 foi criado por Irving Zola, um autor e ativista americano em sociologia médica e direitos de pessoas com deficiência, o *Disability Studies Quarterly*, um jornal com o intuito de estudar e desenvolver pesquisas em torno dos

⁶ With the development of Disability Studies, the range of bodies that may be considered 'disabled' has widened. While the concept of disability has frequently been applied to physical impairments historically associated with the 'crippled', in recent years the boundaries have widened to include sensory impairments of blindness and deafness, mental deficiency, long term psychiatric impediments and impairments associated with old age.¹⁶ At the same time, the linguistic forms that have labelled individuals as 'handicapped', 'afflicted', 'deformed' or 'disabled' have begun to attract attention with a view to understanding their historical contingency. A 'new disability history' is taking shape which recognises the corporeal dimension of human experience and its consequences for daily functioning, while striving to understand the contingencies that shape, reflect, express and result from that dimension.

estudos de desabilidade. Zola, em conjunto com outros acadêmicos de sua área, foram responsáveis pela fundação da *Society for Disability Studies* (SDS) (WATSON et al, 2012).

Graças ao modelo social, o crescimento desses estudos estava cada vez mais aparente em pesquisas bibliográficas, artes e outras formas de expressão. Em 1986 houve a criação do primeiro jornal internacional focado em problemas relacionados a desabilidades, “*Disability, Handicap and Society*” (futuramente chamado de *Disability & Society*), trazendo para o público trabalhos escritos por autores com deficiências de todos os lugares.

Pesquisadores com deficiência inspirados pelo pensamento do modelo social produziram relatos etnográficos sobre como lidar com a deficiência e a deficiência. Os exemplos incluem Oliver et al. (1988), Morris (1989) e Barnes (1990). Com base nos insights de UPIAS e na descrição de Finkelstein (1980) da ligação entre o capitalismo e o surgimento da categoria de deficiência, Oliver produziu a primeira teoria materialista abrangente da deficiência em 1990: *The Politics of Disablement*. No ano seguinte, o BCODP produziu *Pessoas com Deficiência na Grã-Bretanha e Discriminação: Um Caso para Legislação Anti-Discriminação* (Barnes 1991) para reforçar sua campanha por uma lei anti-discriminação. O pensamento do modelo social foi fundamental para o desenvolvimento de cursos de Treinamento para a Igualdade na Deficiência (DET) concebidos e apresentados por pessoas com deficiência. Voltados principalmente para profissionais e profissionais, esses cursos enfocam as barreiras ambientais e sociais para gerar soluções possíveis (Gillespie-Sells e Campbell 1991). Isso contrasta com o Disability Awareness Training, apresentado por profissionais sem deficiência, que tendem a reafirmar a deficiência como um problema individual com o uso de exercícios de simulação (French 1996)⁷ (WATSON et al, 2012, p. 19, tradução nossa).

As análises feitas pelo modelo social foram necessárias para que os preconceitos e opiniões sobre pessoas com desabilidade, assim como a desabilidade em si, fossem aproximadas de uma forma mais empática com esses grupos, entretanto, o modelo não vinha com total aceitação; as pesquisas em torno dessa temática eram trabalhos de forma que a visão imposta sobre esse modelo estivessem

⁷ Disabled researchers inspired by social model thinking have produced ethnographic accounts of how to deal with disability and disability. Examples include Oliver et al. (1988), Morris (1989) and Barnes (1990). Building on the insights of UPIAS and Finkelstein's (1980) description of the link between capitalism and the emergence of the category of disability, Oliver produced the first comprehensive materialist theory of disability in 1990: *The Politics of Disablement*. The following year, BCODP produced *Persons with Disabilities in Britain and Discrimination: A Case for Anti-Discrimination Legislation* (Barnes 1991) to bolster its campaign for an anti-discrimination law. Social model thinking was key to the development of Disability Equality Training (DET) courses designed and delivered by people with disabilities. Aimed primarily at professionals and practitioners, these courses focus on environmental and social barriers to generating possible solutions (Gillespie-Sells and Campbell 1991). This contrasts with Disability Awareness Training, delivered by professionals without disabilities, who tend to reaffirm disability as an individual problem with the use of simulation exercises.

focadas na representação das pessoas com habilidades, mas apesar de ser ter criado a possibilidade de abrir essa discussão para outras disciplinas, elas não trabalham com a análise de outros aspectos importantes na vida das pessoas que sofrem com essas habilidades, que vão além de doenças físicas e distúrbios mentais (GOODLEY, 2011).

A necessidade por análises que levem em consideração os diversos aspectos da vida dessas pessoas era importante para que houvesse um melhor entendimento dos principais motivos pelos prejuízos que elas sofrem e as formas como isso é reproduzido nas sociedades do século XXI. As mudanças na sociedade e o rápido crescimento econômico e, por consequência, a vasta necessidade por mudanças na estruturação de instituições, a forma como nós nos comunicamos e na acessibilidade para esses grupos deve ser levada em consideração.

[...] a mudança na ênfase longe de um foco do modelo social nas forças estruturais tem implicações importantes para as pessoas com deficiência, suas famílias e, de fato, a população em geral em países ricos e pobres. Desde o advento do capitalismo, a desigualdade dentro e em todos os estados-nação aumentou. Isso foi agravado nos últimos anos por uma sucessão de aprofundamento da crise econômica global. Isso alimentou preocupações de longa data sobre o meio ambiente decadência devido ao desenvolvimento industrial não regulamentado e suas implicações para um abastecimento alimentar sustentável à luz de uma população global em expansão sem precedentes (Harvey 2010). Consequentemente, como nós avançar ainda mais para o novo milênio, a estabilidade econômica e política em todos os países provavelmente ser cada vez mais frágeis e a luta por uma sociedade global mais justa e inclusiva mais difícil (Barnes e Sheldon 2010). As percepções do modelo social forneceram uma visão teórica e prática estrutura com a qual explorar e abordar essas questões. Ignorar essas conquistas é para dar início ao fim dos estudos sobre deficiência e sua relevância para as pessoas com deficiência, suas famílias e a população como um todo e a luta por uma sociedade mais sensível e justa⁸ (WATSON et al, 2012, p. 23, tradução nossa)

⁸ the shift in emphasis away from a social model focus on structural forces has important implications for disabled people, their families and indeed the general population in both wealthy and poor countries alike. Since the coming of capitalism, inequality within and across nation states has escalated. This has been exacerbated over recent years by a succession of deepening global economic crises. These have fuelled long-standing concerns over environmental decay due to unregulated industrial development and its implications for a sustainable food supply in light of an unprecedented expanding global population (Harvey 2010). Consequently, as we move further into the new millennium economic and political stability in all countries is likely to be increasingly fragile and the struggle for a fairer and inclusive global society more difficult (Barnes and Sheldon 2010). Social model insights have provided a theoretical and practical framework with which to explore and address these concerns. To ignore these achievements is to usher in the demise of disability studies and its relevance to disabled people, their families and the population as a whole and the struggle for a fairer and just society.

Essa nova aproximação sobre o assunto dos estudos de desabilidades vem para a bibliografia de forma diferente do modelo social. Com a necessidade de estabelecer formas de trazer para esses grupos existências dignas para conviver com o resto da sociedade normativa, um repensamento do que seria importante para estabelecer a representatividade dessas pessoas na sociedade começa a aparecer para os estudos de desabilidades; o estudo de desabilidades crítica. De acordo com Goodley (2011), o estudo de desabilidades crítica procuram entender sobre como o capacitismo está enraizado em diversas instituições como escolas, hospitais, clínicas, locais de trabalho, universidades, grupos comunitários, centros de reabilitação e até mesmo nas próprias famílias das pessoas aflitas com desabilidades, sendo um problema relativamente pior quando consideramos os problemas econômicos, culturais e sociais pelos quais essas pessoas passam.

Se essas instituições e outros fatores essenciais das sociedades estão focados em apenas satisfazer as vontades e necessidades de determinados grupos, seja por prejuízo ou por falta de interesse, acaba criando um desbalanceamento entre os direitos e oportunidades para pessoas de grupos minoritários, criando privilegiamento social (GOODLEY, 2011). Esse modelo de estudo de desabilidades conta com a participação de pessoas que não só fazem parte de grupos com alguma forma de desabilidade, mas também conta com a perspectivas de pessoas de cor, LGBTQ+ (Queer) e mulheres feministas, trazendo o conhecimento de forma interdisciplinar por meio da arte e escrita.

Conforme Shildrick (2012), esses estudos com base no feminismo, pós-colonialismo e teoria queer tem nos ajudado as pessoas a pensar e agir de uma forma diferente do que antigamente, entretanto, os estudos de desabilidade crítica podem fazer isso por si mesmos devido a vasta opressão que está presente nas sociedades em torno do mundo todo sobre pessoas com distúrbios mentais e deficiências físicas. É importante que tanto essas minorias quanto as pessoas que fazem parte do que seria considerado normativo estejam nas discussões propostas por esses estudos (WATSON et al, 2012). Os estudos críticos, ainda mais pelo fato de levar em consideração as opiniões de pesquisas relacionadas a sexualidade e raça, acabam ficando à mercê da moralidade individual daqueles que os observam

Sendo um modelo de análise de estudos de desabilidades relativamente novo, é de se esperar que as formas como as pessoas, principalmente aqueles que estão

ligados a diferentes grupos que constituem esses indivíduos analisados (e.g. ativistas com habilidades físicas e mentais), estejam ligadas com as novas maneiras de expressar suas opiniões. Goodley (2011) reconhece que as novas comunicações por meio da internet têm sido eficazes em diminuir a divisão entre pessoas com habilidades em todas as áreas do mundo, fundindo ideias e morais entre os diversos países e, portanto, ajudando na criação de uma reflexão similar sobre como as pessoas com habilidades vivem em conjunto com o resto da sociedade e como esses prejuízos e preconceitos sobre podem ter efeitos negativos.

Em uma nota mais habilitadora, as formas tecnológicas de ativismo estreitaram a divisão entre pessoas com deficiência no Norte e no Sul globais. Ao aceitar o fosso digital que ainda persiste entre os países pobres e ricos (e dentro dos países entre o tecnologicamente rico e o pobre), a tecnologia abre possibilidades para um externalização de si: uma abertura de fluxos e comunicação. A potencialidade está ligada a quatro conceitos-chave. O primeiro, o achatamento da vida, prevê a fusão do mundo e das coisas, pensamentos e práticas, reflexividade como prática, onde a informação é produzida tanto para os outros quanto para nós mesmos [...] O segundo aspecto, articulado por Lash (2001), diz respeito às formas tecnológicas de vida, mais obviamente em relação à velocidade pela qual as informações podem ser repassadas e compartilhadas [...] em terceiro lugar, e relacionada, é esticar. A comunidade imaginada é esticada e contínua. [...] Terceiro, e relacionada, é esticada. A comunidade imaginada é esticada e contínua [...] Finalmente, a Internet pode ser vista como um espaço elevado - um espaço genérico ou não particular espaço. A comunidade para (não) deficientes está aí para ser imaginada. Nesse sentido, o envolvimento com o virtual de muitas maneiras desconstrói discursos fixos de deficiência e identidade⁹ (GOODLEY, 2011, p. 171-172, tradução nossa).

Em suma, os conhecimentos gerados pelos estudos de habilidades são de grande importância para a produção de pesquisas chave para entendermos melhor sobre como o assunto das deficiências e distúrbios foi abordado pelas sociedades com o passar dos anos. As análises feitas por autores sobre o modelo médico de habilidade mostravam como a forma medicinal tratava essas pessoas, entretanto,

⁹ On a more enabling note, technological forms of activism have narrowed the divide between people with disabilities in the global North and South. By accepting the digital divide that still persists between poor and rich countries (and within countries between the technologically rich and the poor), technology opens up possibilities for an externalization of the self: an opening of flows and communication. The potential is linked to four key concepts. The first, the flattening of life, foresees the fusion of the world and things, thoughts and practices, reflexivity as a practice, where information is produced both for others and for ourselves [...] The second aspect, articulated by Lash (2001), concerns technological forms of life, most obviously in relation to the speed at which information can be passed on and shared [...] thirdly, and related, is stretching. The imagined community is stretched and continuous. [...] Third, and related, is stretched. The imagined community is stretched and continuous [...] Finally, the Internet can be seen as an elevated space - a generic space or non-particular space. The community for the (non)disabled is there to be imagined. In this sense, engagement with the virtual in many ways deconstructs fixed discourses of disability and identity.

suas inovações também foram de grande importância para criação de formas de acessibilidade para essas pessoas (pelo menos, no caso de pessoas com deficiências ligadas a membros, por exemplo). O modelo social veio como uma forma de possibilitar a análise diferente sobre a forma como essas pessoas viviam, desligando a visão vitimizadora que a sociedade normativa teria sobre elas e fortificando o papel dessas pessoas na área de pesquisas relacionadas a estudos de desabilidades, incluindo também diferentes grupos que além daqueles com problemas físicos. A influência desses grupos ativistas, assim como o trabalho dos estudiosos dessa área, foi importante para o desenvolvimento de novas políticas e reestruturações nas sociedades que possibilitassem a inclusão de pessoas com desabilidades. Na atualidade, os estudos de desabilidade de forma crítica ampliaram ainda mais as áreas de pesquisa sobre os prejuízos sofridos por esses grupos, incluindo também as perspectivas de diferentes minorias e analisando como esses problemas se correlacionam com o gênero, sexualidade e raça. Essas novas formas de se aproximar dos estudos de desabilidades expandiu esse assunto para além da literatura e abriu caminho para novos pesquisadores pensarem sobre as diferenças de vida e dificuldades enfrentadas por esses grupos. Posteriormente, veremos sobre como esse assunto das desabilidades se encontra no contexto do medievo, como essas pessoas eram tratadas e os exemplos encontrados na literatura sobre esses grupos aflitos utilizando da visão de Turner para analisarmos o sofrimento dessas pessoas na sociedade e Metzler durante o aprofundamento sobre o assunto dos preconceitos.

3 Desabilidades na história: prejuízos na sociedade e preconceitos

A história dos estudos relacionados às desabilidades mentais e físicas tem aparecido em textos desde a grécia antiga, nos quais muitas de suas interpretações em torno da saúde mental estava ligada a diferentes tipos de crenças e personagens fictícios presentes em suas literaturas e mitos. Um exemplo conhecido seriam as obras “*A Ilíada*” e “*A Odisseia*”, de Homero (750 a.C – 898 a.C), as quais apresentam personagens com características que eram comumente relacionadas, de alguma forma, à loucura: a “loucura”, isto é, a perda de racionalidade sofrida por Aquiles após a morte de Pátroclo e outros personagens nas obras que expressassem raiva, sendo considerada um mal atribuído pelos deuses gregos. Apesar da loucura neste caso não ser atribuída a uma possível desabilidade, essa obra seria um exemplo antigo da utilização da temática da loucura. Dentre as visões sobre a loucura na medicina antiga é possível citar os trabalhos do suposto médico grego Hipócrates (460 a.C – 377 a.C) responsável pela criação da teoria humoral.

Hipócrates acreditava que o homem tinha dentro de si diferentes atributos característicos que eram relacionadas aos fluidos corporais, responsáveis pelo balanço físico e mental de um indivíduo baseado em seu estilo de vida; o sangue, fleuma, bílis amarela e a bílis negra, fluidos de diferentes órgãos do corpo que, quando apresentavam algum tipo de desequilíbrio no corpo, afetavam o funcionamento do corpo de um indivíduo. As qualidades estabelecidas para determinados órgãos eram levadas em consideração para que os médicos desta época prescrevessem tratamentos para aqueles que estivessem aflitos.

O corpo do homem tem dentro dele sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra. Eles constituem a natureza desse corpo e por eles surge a dor ou a saúde. Ocorre a saúde mais perfeita quando esses elementos estão em proporções corretas um para com o outro e em relação à composição, poder e quantidade, e quando eles estão perfeitamente misturados. Sente-se dor quando um desses elementos está em falta ou excesso, ou se isola no corpo sem se compor com todos os outros (HIPÓCRATES, séc. IV a.C. / 1999, p. 406).

A medicina hipocrática foi levada como base para os estudos que tivessem contato com a relação entre o corpo e a mente, aplicando a ideia dos quatro elementos desenvolvida pelo filósofo e pensador pré-socrático Empédocles (494 a.C – 430 a.C), utilizando as características desses diferentes elementos chave para a formação da estrutura que constitui a terra comentados pelo mesmo; quente-frio, úmido-seco nos

elementos terra, fogo, ar e água, os comparando com os elementos do sangue, fleuma, bílis amarela e negra. O sangue de um indivíduo tinha as características que um elemento quente e úmido, normalmente associados ao ar; a fleuma seria considerada um elemento frio e úmido, ligado com a água; a bílis negra era somente fria e portanto era associado com a terra, enquanto a bílis amarela que costumava ser ligada com ardência devido ao seu órgão de origem lhe fazia parte do elemento do fogo.

Apesar de vários médicos da antiguidade terem herdado o pensamento hipocrático como base para suas opiniões, a formação da ideia contaria com as diversas contribuições do escritor Cláudio Galeno (129 a.C – 199 a.C), que era mais comumente conhecido como Galeno de Pérgamo. Galeno era um filósofo romano oriundo da Grécia que além de trabalhar como escritor, também praticava medicina. O pensamento do filósofo seguia as ideias compostas por Hipócrates e Empédocles, implicando que diferentes combinações desses elementos estariam já presentes em uma pessoa no dia de seu nascimento. Os desequilíbrios desses elementos no ser humano causaria tanto diferenças na forma como uma pessoa se forma durante sua vida mas também a sua personalidade em geral.

Galeno acreditava que as faculdades da mente estavam relacionadas às misturas ou temperamentos do corpo. As faculdades da alma estavam localizadas no fígado, coração e cérebro. Revendo as idéias de Platão, Aristóteles e estóicos, ele discutiu, por exemplo porque a secura causava a sabedoria e a umidade loucura. Acabou concluindo que a mente podia ser danificada por aflições do corpo tais como alterações nos humores. Galeno utilizou paralelismos do homem com animais que estavam presentes nas obras aristotélicas tais como associar aspectos corpóreos a disposições como por exemplo, peito amplo e sangue quente à propensão à raiva; ancas achatadas e sangue frio à covardia. Outro aspecto que Galeno considerou foi a influência das regiões onde o homem vive sobre o seu caráter (covardia, coragem, amor ou prazer, movimentos da alma) determinando a disposição do corpo. Isto por que o sangue difere nos animais devido ao calor e frio, espessura ou fluidez, bem como sobre outros aspectos como pensava Aristóteles (MARTINS; SILVA; MUTARELLI, 2008, p. 6).

O conhecimento comum sobre a relação entre o físico da pessoa e da sua mente com base na Teoria Humoral se manteve como conhecimento por um vasto período de tempo, com autores como Cláudio Galeno sendo responsável por grande parte de seu desenvolvimento. Contudo, as ideias de Hipócrates viriam a dar espaço para outras interpretações sobre quais seriam os motivadores principais para essas aflições no corpo humano. Os estudos de Empédocles e Hipócrates viriam a ser de

grande importância para as pesquisas sobre desabilidades futuramente devido ao impacto social que seus trabalhos tiveram.

Durante o século V, no ocidente, há uma mudança drástica nas possíveis interpretações sobre as causas de problemas relacionados à saúde mental devido ao fato de que se seguia uma perspectiva cristã, tendo muitas de suas compreensões e pré-conceitos sobre os indivíduos que demonstravam algum tipo de aflição baseadas na fé e moral cristã. A noção que se havia sobre esses diferentes grupos seguia um padrão geral para a época; aqueles que eram aflitos por alguma forma de irregularidade que os definisse como não neurotípicos ou fisicamente incapazes ou desfigurados eram associados a diferentes entidades e seres sobrenaturais que fizessem parte do mito e religião local.

Na medievalidade ocidental, os males tinham origens sobrenaturais. Eram ocasionados por disfunções com o divino. As doenças e as deficiências eram marcas exteriores do pecado, marcas de uma maldição divina à qual os homens deveriam compactuar e, outrossim, maldizer os indivíduos que carregavam estas lástimas. O corpo humano era lugar de conflitos de forças invisíveis, que ameaçavam o seu equilíbrio, numa luta perpétua entre forças opostas. Por isso, para manter a saúde, a procura por meios que sobrenaturais se fazia necessária (MATIAS, 2015, p. 28).

Interpretações mais racionais sobre esses problemas eram substituídas por contos e obras que se focavam na intervenção sobrenatural, na doença tanto física quanto mental como uma forma justa de pagar pelos pecados de um indivíduo, bruxaria e heresia. De acordo com Santo Agostinho, o homem, considerado imperfeito em comparação com seu Deus, estaria por natureza marcado pelo pecado causado por ele mesmo (nesse caso, uma referência ao pecado original na religião crista que teria sido causado por Adão e Eva). Esse pecado e maldade originada no homem seria a motivação para diferentes tipos de disfunções em seu corpo e, por causa disso, seria necessário que esses mesmos “pecadores” procurassem o favor de seu Deus e fizessem parte da comunidade religiosa (AGOSTINHO, 2010, p.144).

Numa sociedade em que as forças sobrenaturais fazem-se presente no cotidiano das pessoas, o milagre seria a manifestação do poder divino sobre o mundo. Os relatos que chegam à contemporaneidade foram produzidos por clérigos, respeitavam referências textuais bíblicas e perpetuavam a afirmação de que nada é possível sem a presença divina, assim, como nada é impossível para o poder de Deus. Através dos milagres é possível reconhecer aspectos da realidade medieval, tais como acidentes, relações sociais e econômicas, doenças, mentalidades (MATIAS, 2015, p. 43).

Costumes e ações fora da norma são vistos em diversas fontes no século XV, onde é possível observarmos como era visto esses aflitos em um momento da história no qual o conhecimento sobre a psique humana estava ainda em fase desenvolvimento, tomando-se por verdade noções com base na religião. Um exemplo a ser dado dessa situação em fontes seria os relatos dos inquisidor alemão Heinrich Kraemer e o monge James Sprenger; os relatos dos inquisidores, que se transformariam no corpo da obra então chamada de *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras) em 1487, que se trata de um manual atribuído a dois homens que foram convocados pelo Papa Inocêncio VIII para tomar conta do vasto aumento de bruxarias e feitiçarias que estava a acontecer no território alemão.

Dentre os relatos escritos pelos autores, uma de suas expedições traz informações sobre seu contanto com o sobrenatural:

Segundo o pai, o rapaz era um pregador cheio de fé e querido de todos. Eu, no entanto, como Inquisidor à busca de provas, levei-o a percorrer comigo, por mais de 15 dias, vários lugares santos. Um dia fomos à igreja de Santa Praxedes, a Virgem, onde se acha um fragmento do pilar de mármore no qual ficou preso o Nosso Salvador, durante a Paixão, e também ao local onde São Pedro foi crucificado. Nesses dois lugares o padre soltava gritos horríveis enquanto era exorcizado, ora dizendo que queria sair dali, ora dizendo o contrário. Pelo resto do tempo, porém, seu comportamento era o mais sóbrio possível, sem qualquer excentricidade. Ao cabo de cada exorcismo, quando lhe era retirada a estola do pescoço, não apresentava qualquer sinal de loucura nem agia com despropósito. Porém, sempre que passava por qualquer igreja e se ajoelhava em honra da Gloriosa Virgem, o Demônio o fazia botar a língua de fora, bem-estendida(...) Ele se utiliza de todos os meus membros e de todos os meus órgãos como bem lhe apraz, do meu pescoço, da minha língua, dos meus pulmões. Obriga-me a falar e a reclamar. Ouço as palavras que saem de minha boca mas não posso impedi-las. E sempre que procuro entregar-me às orações, ele me ataca ainda com mais violência e me bota de língua de fora. (KRAMER, SPRENGER, 1991, p. 269-270)

De acordo com o relato feito pelos inquisidores é possível observarmos os diferentes maneirismos feitos pelo jovem padre e a forma como se era interpretada esses movimentos fora do comum e as implicações feitas sobre qual seria a motivação para que os mesmos acontecessem. O jovem referenciado no relato aparenta ter o problema de continuamente repetir os mesmos tipos de movimentos tanto vocais quanto físicos quando se deparava com locais religiosos ou que tivesse algo relacionado a sua religião (nesse caso, a Virgem Maria). Esses movimentos e manias repetitivas feitas pelo jovem são características comum de um distúrbio neurológico estudado e descrito pelo médico francês George Gilles de la Tourette em meados do

século XIX, tendo seu nome posteriormente atribuído ao distúrbio; Síndrome de Tourette.

Durante o percurso da obra *Malleus Maleficarum* diversos relatos que foram de alguma forma ligados à bruxaria e feitiçaria pelos inquisidores foram apresentados, entretanto, esta história do padre é considerada como sendo possivelmente a primeira descrição de um indivíduo que apresentasse essa desabilidade na literatura (FINGER, 1994). De acordo com os estudos feitos no trabalho de Kushner (1999), em seu livro *A Cursing Brain? The Histories of Tourette Syndrome* (Um Cérebro Almadiçoado? As Histórias da Síndrome de Tourette), a desabilidade consiste em sintomas de irritabilidade emocional e movimentos rápidos e contínuos por um vasto período de tempo. Os “tiques”, uma palavra que é comumente usada para se referenciar aos movimentos e sons feitos por um indivíduo (independente de apresentar sintomas de Síndrome de Tourette ou outra desabilidade neurológica) costumam aparecer durante a infância e normalmente continuam a aparecer por uma grande parte da vida da pessoa aflita, podendo ou não desaparecer após chegar a vida adulta.

O comentário do jovem no relato fala sobre como o mesmo tinha dificuldade de manter silêncio nos ambientes religiosos e como o Demônio utilizava de seu corpo para força-lo a usar palavras que o homem não pretendia falar. Apesar desse sintoma não fazer parte dos problemas relacionados ao distúrbio para a grande maioria das pessoas, é possível que a pessoa aflita apresente o costume de verbalizar palavras e frases de cunho ofensivo, assim como pensamentos e opiniões que não condizem com os ideais e morais da pessoa. Esse costume é chamado de Coprolalia, uma característica rara do distúrbio que seria a possível causa para os supostos comentários infelizes que o padre havia feito.

Os tiques mais comuns apresentados pelas pessoas com Tourette costumam ser vocais (determinados tipos de sons feitos com a língua ou garganta) e envolvem diferentes grupos de músculos do corpo, principalmente os que estão presentes na face. Esses movimentos podem ser simples ou complexos, variando de acordo com a pessoa, com o ambiente em que ela vive e seu emocional (HOUNIE, PETRIBÚ, 1999)

A maioria das pessoas com diagnóstico de síndrome de Gilles de la Tourette não xinga nem exhibe comportamento sexual impróprio, embora muitas vezes tenham dificuldade em controlar o temperamento. Normalmente, os pacientes desenvolvem movimentos motores involuntários, conhecidos como “tiques”, durante a primeira infância (idades de sete a nove). Os tiques motores, que ocorrem com frequência ao longo do dia, geralmente envolvem espasmos de cabeça e pescoço, piscar de olhos, protruções da língua, encolher de ombros

e vários movimentos do tronco e dos membros. O diagnóstico da síndrome de Tourette requer que um ou mais tiques vocais estejam presentes há algum tempo. Isso pode incluir latidos, grunhidos, gritos e tosses. Tiques e vocalizações aparecem repentinamente e são caracteristicamente rápidos, recorrentes, não rítmicos e estereotipados. Muitas vezes, esses sintomas estão associados a comportamentos obsessivos e compulsivos, como uma série de ações repetidas que devem ser realizadas antes de entrar ou sair de uma sala¹⁰ (KUSHNER, 1999, p. 3, tradução nossa)

Apesar de ser um exemplo válido das possíveis repreensões, é apenas um em meio a vários distúrbios que poderiam ocasionar a perseguição desses grupos durante o medievo. Distúrbios como a Coreia de Sydenham (transtorno neurológico ocasionado pela febre reumática); distonia crônica de nascimento ou adquirida devido a traumatismo craniano; doenças que afetem o sistema nervoso e até mesmo indivíduos que fizessem parte do espectro autista iriam sofrer perseguição religiosa por parte de inquisidores.

A visão que a sociedade da Idade Média ocidental do século V à frente tinha sobre esses grupos de aflitos variava. Quando nos focamos naqueles que tinham habilidades intelectuais e não necessariamente físicas, existem relatos que nos contam sobre como em várias situações essas pessoas doentes seriam consideradas inocentes por natureza devido ao fato de terem seu intelecto comparado com o de uma criança e, devido a isso, eram cuidados não só por suas famílias, mas em certas situações até mesmo a própria igreja (METZLER, 2015), entretanto, a segregação de indivíduos considerados intelectualmente incapazes continuava sendo constante e se demonstrava um problema para a sociedade medieval, levando-os a tratar deste problema de diferentes formas sem que o tratamento desse problema fosse necessariamente o cuidado ou cura desses grupos aflitos.

Na literatura renascentista existem exemplos de histórias com a temática da loucura que também exploram a vida das pessoas no medievo, podemos observar um pouco dessa história quando analisamos a *Narrenschiff* (Nau dos insensatos), uma

¹⁰ Most persons diagnosed with Gilles de la Tourette syndrome neither curse nor display inappropriate sexual behavior, although they often have difficulty controlling their tempers. Typically, sufferers develop involuntary motor movements, referred to as “tics,” during early childhood (ages seven to nine). The motor tics, which occur frequently throughout the day, generally involve head and neck jerking, eye blinking, tongue protrusions, shoulder shrugs, and various torso and limb movements. A diagnosis of Tourette syndrome requires one or more vocal tics to have been present for some time. These may include barks, grunts, yelps, and coughs. Tics and vocalizations appear suddenly and characteristically are rapid, recurrent, nonrhythmic, and stereotyped. Often these symptoms are coupled with obsessive and compulsive behaviors, such as a repeated series of actions that must be performed before entering or leaving a room.

alegoria bastante utilizada na literatura que era vista na realidade; embarcações que levavam pessoas consideradas “loucas” devido ao seu mau caráter para outros lugares, longe de seu local de origem. De acordo com Foucault (1961), a cidade de Nuremberga, na Alemanha, é um dos locais onde várias dessas “cargas” de pessoas era recebida com bastante frequência.

Mas há outras cidades, como Nuremberg, que certamente não foram lugar de peregrinação e que acolheram grande número de loucos, bem mais que os que podiam ser fornecidos pela própria cidade. Esses loucos são alojados e mantidos pelo orçamento da cidade, mas não tratados: são pura e simplesmente jogados na prisão. E possível supor que em certas cidades importantes — lugares de passagem e de feiras — os loucos eram levados pelos mercadores e marinheiros em número bem considerável, e que eles eram ali “perdidos”, purificando-se assim de sua presença a cidade de onde eram originários. Pode ser que esses lugares de “contraperegrinação” tenham acabado por se confundir com aqueles pontos para onde, pelo contrário, os insanos eram levados a título de peregrinos. A preocupação de cura e de exclusão juntavam-se numa só: encerravam-nos no espaço sagrado do milagre (FOUCAULT, 1961, p.15).

As pessoas que apresentavam desabilidades Intelectuais nesse período da história estavam propensas a serem vítimas de diferentes tipos de interpretações sobre suas doenças que impactavam consideravelmente a visão que essa sociedade havia sobre eles, porém, existiam outros grupos que constituíam minorias que igualmente sofriam preconceitos ou alguma forma de repercussão devido sua posição social; apesar de existirem diferentes narrativas em torno da forma como a sociedade no medievo tratava seus cidadãos com deficiências intelectuais ou outros problemas similares, outro grupo que haveria sofrido em demasia seria aqueles que apresentavam algum tipo de deficiência e/ou incapacidade física que pudesse interferir no convívio com outras pessoas.

De acordo com Metzler (2005), existem vários autores que estudavam a história da medicina em sociedades antigas que faziam afirmações sobre pessoas que apresentavam alguma forma de deficiência ou outros problemas físicos no medievo eram consideradas “descartáveis” devido ao fato de serem incapazes de produzirem e contribuírem de alguma forma para a sociedade em que elas pertencem. Apesar de contextualizar em suas obras as visões apresentadas pela igreja e pelo resto da sociedade na Idade Média ocidental e argumentar detalhadamente sobre a opinião historiográfica moderna errônea de que a “Idade das Trevas”, a mesma reconhece que, infelizmente, doenças e deformidades ainda eram muitas vezes vistas com

preconceito pelo fato de serem consideradas, na maioria das vezes, punições divinas por algum tipo de pecado cometido.

Quando tratamos da deficiência física no medievo, temos um grande número de possibilidades de temáticas para serem analisadas e inúmeros problemas que afetavam essas pessoas devido ao estilo de vida e morais comuns para a época. Crianças provenientes de relacionamentos entre parentes consanguíneos, infecções viróticas durante a formação do feto, utilização de substâncias químicas, má alimentação e outros problemas relacionados a defeitos congênitos são alguns dos principais motivos para o desenvolvimento de problemas físicos tanto em recém-nascidos quanto em adultos posteriormente em suas vidas. Dentre essas possibilidades, um dos casos mais frequentemente documentados costuma ser as deficiências crônicas como consequência da endogamia, prática que era relativamente comum entre famílias das elites e serviria como uma explicação para o grande número de casos documentados sobre personagens históricos importantes que tinham linhagens construídas com base no incesto, um assunto que será discutido no próximo capítulo.

Em uma sociedade na qual o trabalho braçal era a norma entre grande parte dos cidadãos a existência de deficiência físicas e os problemas em torno dessas deformidades ou incapacidades era, como esperado, extremamente debilitadores para esses aflitos, que seriam incapazes de fornecer para suas famílias e para si mesmos. O trabalho extensivo e a mal nutrição aumentavam as chances de doenças e acidentes mais sérios que poderiam ocasionar algum tipo de deformidade no corpo, portanto, a existência de pessoas com deficiências físicas era relativamente comum no medievo. Perda de visão e movimentos dos membros e do corpo (ou a perda de partes do corpo por meio de cirurgia e acidentes mais sérios) eram alguns dos problemas que eram bastante comentados em textos desse período, principalmente quando consideramos que essas eram algumas das formas de tortura mais frequentemente aplicadas em criminosos e soldados inimigos.

O texto da Bibliothèque Nationale MS Lat 9187 é o Coutumes de Toulouse, um texto jurídico provavelmente escrito pelo jurista local Arnaud Arpadelle e aprovado pelo rei Philippe le Hardi em 1283. Entre representações de punições que variam de humilhação pública a amputação de membros, orelhas e órgãos genitais, um dos desenhos a tinta na margem inferior do manuscrito mostra um carrasco enfiando uma vara no olho do preso acorrentado (...) esse castigo obviamente ficou na consciência pública no final

do século XIII, já que o artista ou o comissário do manuscrito optou por incluí-lo¹¹ (WHEATLEY, 2010, p.39, tradução nossa).

Sendo um período repleto de guerra não é de se surpreender que a existência de pessoas que se tornaram deficientes devido a machucados recebidos em combate, existindo relatos sobre os casos em textos antigos. Segundo Metzler (2013), as guerras medievais apresentavam grande número de casualidades referentes a pessoas com deficiências físicas, mas as fontes costumavam se focar principalmente nas pessoas que ficaram deficientes devido ao combate em si, e não na existência de pessoas que previamente apresentavam alguma desabilidade ao se juntar às campanhas. Durante a sua obra *A Social History of Disability in the Middle Ages: Cultural Considerations of Physical Impairment* (Uma história social da deficiência na Idade Média: considerações culturais sobre a deficiência física), a autora escreve sobre um exemplo dado nas crônicas do autor Walter, o chanceler (homem havia experiência por ser um cruzado) que conta sobre como um dos líderes mulçumanos Al-Ghazi de Aleppo sofreu um machucado em sua cabeça durante um conflito no ano de 1121, o deixando com um tipo de “doença paralítica” que foi ocasionada pelo possível traumatismo raquimedular devido ao golpe que o mesmo recebeu.

Além da perda de visão, a surdez também era um problema que era recorrente. A falta de audição, apesar de normalmente estar acompanhada da impossibilidade de falar, era uma deficiência recorrente que poderia acarretar problemas para os indivíduos aflitos não só devido a diminuição de qualidade de vida mas por causa da importância que o sentido em questão tinha no contexto religioso.

(...) Exemplos de surdez literal abundam textos sobre medicina medieval e em histórias de milagres de santos. Autoridades diferenciavam entre surdez congênita e adquirida e, apesar de existirem tratamentos, os experts na área da medicina frequentemente concordavam que surdez era incurável. Pessoas medievais metaforicamente interpretavam surdez de uma forma similar a cegueira. As orelhas, assim como os olhos, eram portais necessários pelos quais era recebido informação espiritual importante. Escutar frequentemente simbolizava conhecimento, enquanto surdez significava habilidade restrita de compreensão(...) escrituras bíblicas frequentemente usavam a metáfora da surdez, notando que, nessas escrituras, as orelhas eram “a audição interna da alma, obediência aos preceitos de Deus, a

¹¹ The text of the Bibliothèque Nationale MS Lat 9187 is the Coutumes de Toulouse, a legal text probably written by the local jurist Arnaud Arpadelle and approved by King Philippe le Hardi in 1283. Among depictions of punishments ranging from public humiliation to amputation of limbs, ears and genitals, one of the ink drawings in the lower margin of the manuscript shows an executioner sticking a stick in the eye of the chained prisoner (...) this punishment obviously stayed in the public consciousness in the end of the XIII century, since the artist or manuscript commissioner choose to include it.

audição da fé, ou entendimento. Alguns escritores até mesmo ligavam a surdes, assim como a cegueira, a não-cristãos que propositalmente davam as costas para a verdade da cristianidade¹² (PEARMAN, 2010, p. 67, tradução nossa)

A acondroplasia era uma das deficiências que também apareciam com alguma frequência em relatos medicinais apesar de serem normalmente atribuídos a lendas mitológicas e características sobre-humanas em textos épicos, desconsiderando as dificuldades da deficiência e dando maior importância para a surpresa que a aparência dos indivíduos com essa doença trazia para aqueles que os observavam, ainda mais quando consideramos o grande número de textos que falem sobre a posição da pessoa pequena como entretenimento das cortes reais (METZLER, 2013).

Essa mutação genética costuma ser a motivação principal para o nascimento de crianças com nanismo na idade média, apesar de não ser a única. Assim como os que eram considerados “tolos”, as pessoas com alguma forma de nanismo poderiam apresentar grande dificuldade para completar seus afazeres no dia a dia, impossibilitando certos tipos de trabalho braçal não necessariamente por causa de sua força, mas porque a falta de mobilização dos membros e a grande possibilidade de ferimento por causa da má formação da lombar em pessoas com acondroplasia poderia fazer com que essas pessoas ficassem incapacitadas para trabalhos em geral.

Na obra de Irina Metzler “*Fools and idiots: Intellectual Disability in the Middle Ages*”, a autora fala em sua pesquisa sobre as desabilidades no meio social, ajudando a revelar para o leitor a forma como esses grupos viviam durante esse tempo. Diferentemente da obra de Turner, Metzler não se foca majoritariamente nas leis em torno deles devido a suas situações, optando por tentar a entender a forma como essas pessoas eram vistas por outros enquanto se utiliza de um entendimento moderno para analisar desabilidades intelectuais em séculos atrás. Apesar desse foco no aspecto social, uma parte de sua pesquisa também entra no assunto das

¹² (...) Examples of literal deafness where abound in texts on medieval medicine and in stories of miracles by saints. Authorities differentiated between congenital and acquired deafness, and despite the existence of treatments, medical experts often agreed that deafness was incurable. Medieval people metaphorically interpreted deafness in a similar way to blindness. The ears, like the eyes, were necessary portals through which important spiritual information was received. Hearing often symbolized knowledge, while deafness meant restricted ability to understand (...) biblical scriptures often used the metaphor of deafness, noting that, in these scriptures, the ears were “the inner hearing of the soul, obedience to the precepts of God, the hearing of faith, or understanding. Some writers even linked the deaf, as well as blindness, with non-Christians who purposely turned their backs on the truth of Christianity.

desabilidades em situações legais, providenciando o leitor com exemplos como a ideia de que adultos com desabilidades intelectuais, dependendo de sua severidade, poderiam ser vistos como “crianças”, o que fazia com que fosse necessário que suas famílias ou comunidades tomassem conta deles, apresentando fontes que comentassem sobre o assunto de forma similar à de Turner.

Problemas relacionados às deficiências intelectuais e físicas existiram por um vasto período de tempo durante os séculos V e XV, contudo, as formas como as pessoas dessas épocas se relacionavam e tratavam de indivíduos que apresentavam algum tipo de aflição variava. No próximo capítulo iremos discutir sobre a relação do povo no medievo com esses conceitos de distúrbios e incapacidades e como essas pessoas eram tratadas, incluindo exemplos notáveis de personagens históricos que se encaixem na temática apresentada pela pesquisa.

4 Breve análise dos preconceitos em perspectiva

As debilidades mentais e as incapacidades físicas no período do medievo tem sido um assunto discutido em fontes por muito tempo, contando com um grande número de relatos de pessoas vivendo com diferentes tipos de problemas. Entre todos esses problemas, existem casos em que podemos observar de forma mais eficiente o jeito que essas pessoas eram tratadas durante a Idade Média. Com o passar dos anos os leprosários que haviam sido criados em múltiplas localizações da Europa acabaram por ser abandonados após ter sido possível manter em controle a situação da epidemia de Hanseníase (lepra) depois do término das cruzadas que estavam até então acontecendo no Oriente.

Os leprosários criados com o intuito de manter a infecção da lepra em cheque eram utilizados como uma forma de exclusão social dessas pessoas que apresentavam a doença, fazendo com que esses locais previamente construídos fossem considerados perfeitos para manter os indivíduos considerados “loucos”. Os doentes e incapacitados que eram normalmente cuidados pela própria comunidade passaram a ser isolados do resto da sociedade e tiveram que ser submetidos à uma mudança de vida radical que era também acompanhada por diferentes formas de tratamentos aplicados nos pacientes que apresentassem alguma forma de anomalia da psique que fosse considerada fora do normal para as pessoas deste período.

Os preconceitos em torno desses grupos de pessoas estavam ligados não só a forma como elas eram excluídas socialmente, mas também ao ato de serem ridicularizadas no meio em que vivem. É possível encontrarmos exemplos tanto de obras artísticas quanto literárias que explorem o tema da debilidade como piada; no caso das artes, um dos exemplos que podem ser dados seria uma das obras artísticas de Jehan de Grise (1339 – 1344) que estava presente em uma das versões mais recentes de “O Romance de Alexandre” (Wheatley, 2011), nela, é representada uma espécie de entretenimento onde diversos homens cegos são liderados por um menino com o objetivo de acertar um porco, entretanto, a debilidade faz com que eles acertem uns aos outros com suas armas. Apesar das debilidades físicas serem consideradas fatores que poderiam trazer algum tipo de ridicularização para uma pessoa, vale a pena lembrarmos que esses tipos de comportamento não necessariamente condiz com o que normalmente pensaríamos sobre o tratamento desses grupos; ofícios relacionados ao entretenimento, como foi comentado

previamente quando tratamos de pessoas com habilidades visuais, são normalmente considerados os papéis principais para essas pessoas, tendo como exemplos personagens como o “Bufão” (tradicionalmente conhecido como Bobo da Corte) e anões. A aparição desses personagens se dá pela ideia de que suas habilidades seriam um meio de entretenimento e choque para aristocratas no medievo, mas esse estereótipo existe devido a possível criação por historiadores modernos (METZLER, 2013).

Uma ocupação estereotipada para deficientes físicos (e mentais) imediatamente vem em mente, a saber, a figura da pessoa com deficiência como o anão e tolo, que parece ser mais uma criação dos historiadores modernos do que a realidade medieval, havendo muito poucas referências a anões em cortes nobres como tolos ou bobos antes do século XVI. enquanto algumas famílias aristocráticas medievais incluíam pessoas que podem ser amplamente classificadas como “animadores com diferença física”, sua aparição nos registros típicos - livros de contabilidade - nos quais a maioria dos historiadores baseou seu argumento para a frequência de pessoas com deficiência como artistas da corte é de fato muito mais rara do que a inferência de referências esporádicas ou isoladas¹³ (METZLER, 2013, p. 87, tradução nossa)

Uma das formas como o assunto das habilidades mentais era demonstrada pela arte seria o desempenho de um processo médico no qual a “Pedra da Loucura” seria removida da cabeça de um paciente, essa pedra seria, então, a causa principal do desenvolvimento desses problemas em pessoas que seriam somente curadas após a remoção da pedra (SHORTER, 1998). Apesar desse tema ter sido explorado primeiramente pelo artista Hieronymus Bosch em meados do século XV, a feição da remoção da pedra de dentro da cabeça de um paciente seria referenciada em diversas outras obras artísticas de diferentes autores futuramente.

Personagens que apresentem algum tipo de habilidade sendo demonstrados de forma cômica com o intuito de fazer de suas dificuldades um cenário engraçado costumavam serem comuns além daqueles que apresentavam alguma deformidade ou problema físico, também sendo muito utilizada a imagem do “tolo” para a criação de obras, do qual falaremos mais sobre logo. De acordo com McNabb em sua obra

¹³ A stereotypical occupation for the physically (and mentally) handicapped immediately comes to mind, namely the figure of the disabled person as the dwarf and fool, which seems to be more a creation of modern historians than medieval reality, with very few references to dwarves in noble courts as fools or jesters before the 16th century. while some medieval aristocratic families included people who can be broadly classified as “animators with physical difference”, their appearance in the typical records – account books – on which most historians have based their argument for the frequency of people with disabilities as court performers is in fact much rarer than inference from sporadic or isolated references.

Medieval Disability Sourcebook: Western Europe, os sujeitos que apareciam em diferentes obras seguiam uma linha de tropo visual, isto é, imagens ou textos que seguiam um clichê no qual seu significado e finalidade dependia do contexto, local e tempo em que se encontravam, sendo assim, uma forma não necessariamente fiel, mas efetiva de analisarmos a visão sobre pessoas com habilidades e suas dificuldades (MCNABB, 2020).

Se compararmos obras após o século XV, é possível encontrarmos exemplos de prejuízos contra pessoas com habilidades na forma de capacitismo; assim como os homens cegos demonstrados na obra “O Romance de Alexandre”, que são ridicularizados nessa atividade para que fosse criado um cenário “engraçado” e a grande complexidade de possíveis habilidades é associada a uma simples pedra dentro da cabeça de pacientes, podemos observar preconceitos bastante parecidos em obras artísticas, como charges, que utilizam da temática de habilidades com a intenção de entreter.

Uma forma relativamente comum de prejuízo moderno contra pessoas com habilidades seria a negação da validação das dificuldades que esses mesmos passam durante sua vida, sendo que até mesmo durante o século XII já havia uma diferenciação entre aquele “tolo” considerado real e aquele que era considerado artificial; o tolo real seria aquele que realmente tivesse algum tipo de habilidade independente da forma como essa mesma afetava um indivíduo, já aquele que apresentasse características “falsas” para fingir inocência e fugir de responsabilidades ou para adquirir algum bem material seria considerado de tolo falso. (SOUTHWORD, 1998)

Durante o percurso da atualidade da nossa sociedade, não é anormal se observar casos onde pessoas tem sua saúde física e mental questionada por outros observadores, fazendo com que as vozes de pessoas com habilidades sejam, muitas vezes, desconsideradas erroneamente. Esses tipos de comportamentos que imitariam o “tolo falso” nos dias de hoje são empregados muitas vezes em redes sociais e outras mídias, entretanto, a motivação por trás disso tem motivos diferentes do tolo falso de séculos passados; se trata de incorporar as características de alguma habilidade com o intuito de obter visibilidade, mesmo se tratando de uma pessoa neurotípica e sem algum tipo de deformidade física. Um termo utilizado para

discutirmos sobre isso é a “pornografia inspiracional”, termo cunhado pela ativista Stella Jane Young no ano de 2012 (YOUNG, 2012).

Pornografia de inspiração, supercrip, armadilha de piedade-heroísmo, homem ou mulher biônicos: todos esses termos foram usados em discussão recentes no uso de deficiências físicas como inspiração na publicidade para consumidores não deficientes. Embora serem vistas como inspiradoras e possam não parecer um retrato negativo, essas representações biônicas e heroicas foram identificadas como imprecisas e problemáticas por membros da comunidade com deficiências, contribuindo para a estigmatização e entendimentos errôneos das deficiências físicas¹⁴ (SHELTON, 2017, p.2, tradução nossa).

Similar à forma como essas pessoas com deficiências poderiam vir a ser tratadas em séculos passados e a forma como eram vistas, existem também visões modernas que serviriam como forma de minimizar o mal feito contra esses grupos ou, então, justificar suas opiniões. Seguindo as ideias apresentadas na pesquisa de Nario-Redmond sobre o capacitismo, a ideia do Darwinismo social apresentada no final do século XIX que se baseava em ideias evolucionárias comumente ligadas a outros animais (neste caso, se referindo a ideia da sobrevivência do mais forte e hábil) era relativamente comum, argumentando que devido ao fato de pessoas com deficiências físicas e/ou mentais serem supostamente consideradas “fracas”, essas mesmas não eram dignas de educação e ajuda medicinal que pudesse aumentar suas chances de futuramente procriarem (NARIO-REDMOND, 2019). Essa ideia viria a perder força em meados do século XX, diminuindo a separação entre grupos com deficiências e pessoas “hábeis”, entretanto, esses mesmos grupos ainda continuam a serem vítimas de preconceitos

Quando tratamos de capacitismo e os preconceitos ligados a ele, vale a pena comentarmos sobre o assunto da utilização de rótulos para se referenciar a esses grupos; a visão que a sociedade tem sobre pessoas com deficiências se da muito devido ao tipo de rótulo que é associado a eles, com seus significados mudando constantemente. A utilização de palavras como “retardado”, por exemplo, vem sido atribuída a um insulto contra pessoas com alguma deficiência mental, mesmo que

¹⁴ Inspirational pornography, supercrip, piety-heroism trap, bionic man or woman: all of these terms have been used in recent discussions on the use of physical disabilities as inspiration in advertising for non-disabled consumers. While seen as inspiring and may not seem like a negative portrayal, these bionic and heroic depictions have been identified as inaccurate and problematic by community members with disabilities, contributing to stigmatization and misunderstandings of physical disabilities. (SHELTON, 2017, p. 2).

seu significado original fosse referenciado não como insulto, mas como um termo médico para pessoas com retardo mental (SIPERSTEIN et al. 2010). É de grande importância que mantenhamos em mente a correta utilização dos termos quando lidamos com uma temática tão complexa como os estudos de desabilidades e os preconceitos que são direcionados a esses grupos na atualidade.

Na obra de Wendy Turner, *Madness in Medieval Law and Custom*, podemos observar melhor a forma como esses grupos eram tratados na sociedade medieval através de coleções de ensaios que contam a história de indivíduos com desabilidades. Enquanto Metzler costuma trazer em sua obra exemplos e fontes relacionados à superstição e, em diferentes casos, fontes que demonstrassem como esses indivíduos eram tratados e a visão da sociedade sobre eles (por exemplo, a ideia do tolo e bufão na corte), Turner, em conjunto com outros autores que aparecem em sua obra, faz uma grande utilização de documentos legais que mostram casos que fossem de alguma forma relacionados a pessoas com desabilidades. Essa forma de estudar a temática das desabilidades é comentada brevemente pela própria Metzler na mesma obra. Durante o primeiro capítulo, a autora nos mostra documentos legais entre os séculos XIII e XIV, nos dando como um dos exemplos o caso de William, neto de Hugh Mortimer, que viria a se tornar dono das terras e propriedades de seu avô após sua morte. Entretanto, William não era considerado capaz de tomar conta das propriedades de seu familiar devido ao fato de ter nascido com uma desabilidade intelectual, o que faria com que o então rei, Eduardo III da Inglaterra, acabasse tomando suas terras para si e o botasse sob proteção da coroa até que ele estivesse “mentalmente saudável”. Futuramente, o rei acabaria por dividir as terras de William com o irmão do mesmo, para que os dois pudessem usufruir de suas heranças. (TURNER, 2010)

Da mesma forma como Metzler faz uma referência à visão da sociedade sobre as pessoas com desabilidade como estarem presas em uma eterna infância e que, por consequência disso, acabavam sendo cuidadas por outros, Turner demonstra que pessoas com desabilidades poderiam acabar ficando sob a tutela do reino.

Comentários legais da Inglaterra medieval dos séculos XIII e XIV implicam que antes de meados do século XIII pessoas deficientes mentais eram atendidas por suas famílias e senhores, e como herdeiros tinham sido maltratados ou marginalizados. Estes comentários dizem que, a partir de meados do século XIII, a coroa reivindicou as alas de todos os proprietários de terras mentalmente incompetentes. Os municípios parecem ter seguido o exemplo de forma desigual. Alguns continuaram a antiga prática de membros

da família permanecerem no controle de seus deficientes propriedades dos parentes, enquanto outros municípios tinham o prefeito ou outra autoridade reivindicam todos os detentores de propriedade mentalmente incapacitados como seu guardião¹⁵ (TURNER, 2010, p. 19, tradução nossa)

Turner comenta sobre como os guardiões dessas pessoas consideradas incapazes tomavam proveito da situação em que se encontravam para aproveitar o máximo possível das posses desses grupos. Essas pessoas poderiam ainda ser consideradas “deficientes” devido a forma como suas emoções eram demonstradas em público.

A expressão inapropriada de emoções em diferentes casos apresentados poderia ser vista também como uma forma de falsificar algum tipo de desabilidade intelectual; a autora comenta um caso legal, no qual Robert Barry de Tothale teria terminado com a vida de seu pai após uma disputa com espadas, tomando suas terras futuramente e sendo perdoado pelo homicídio de seu pai por ter perdido controle de suas emoções devido à aflição mental de seu parente. A ideia apresentada seria que a desabilidade do pai de Robert seria uma forma do leitor analisar a possibilidade de que essa ação do mesmo se trata de um traço ligado a uma possível desabilidade, considerando a psique de seu pai.

Raiva, tristeza e medo: todas as emoções com as quais a maioria das pessoas se conecta. Os tribunais e relatórios administrativos da Inglaterra medieval utilizavam situações e vocabulário que evocavam a inaptidão de certas emoções para uma dada situação, numa tentativa de demonstrar incapacidade. As descrições oficiais de um homem chorando suavemente e outros são fortes indicadores de emoções inadequadas na Idade Média da Inglaterra. Em outros casos, a falta de conteúdo emocional também poderia dar a impressão de aflição mental(...)Descrições emocionais ajudaram a justificar certas absolvições em casos criminais envolvendo incapacitados mentais, e explosões emocionais ou explosões emocionais inadequadas. respostas, tais como risos após um assassinato, ajudaram a decidir os culpados e pena para o acusado¹⁶ (TURNER, 2010, p. 94, tradução nossa)

¹⁵ Legal commentaries of medieval England of the thirteenth and fourteenth centuries imply that prior to the mid-thirteenth century mentally disabled persons were cared for by their families and lords, and as heirs they had been mistreated or disenfranchised. These commentaries say that beginning in the mid-thirteenth century the crown claimed the wardships of all mentally incompetent landholders. Boroughs seem to have unevenly followed suit. Some continued the old practice of family members remaining in control of their disabled relative's properties, while other boroughs had the mayor or another authority claim all mentally incapacitated property holders as his ward.

¹⁶ Anger, sadness, and fear: all emotions with which most persons connect. Medieval English court and administrative reports used situations and vocabulary that evoked the inappropriateness of certain emotions to a given situation in an attempt to demonstrate mental incapacity. The officials' descriptions of a man softly weeping and others are strong indicators of inappropriate emotions in medieval England. In other cases, a lack of emotional content could also give the impression of mental affliction, as when Elizabeth got married only days after her father's death. Emotional descriptions helped justify certain acquittals in criminal cases involving the mentally incapacitated, and emotional outbursts or

O posfácio apresentado por Metzler na obra de Turner comenta sobre as observações feitas pela autora; os casos de pessoas com habilidades mentais congênitas demonstram a dificuldade de estar sob a tutela da corte, onde o interesse dos mesmos é de maior importância do que certificar que as propriedades desses grupos em situações frágeis estejam protegidas. Metzler também reconhece que a outra autora teria argumentado que essa atividade fosse, de certa forma, positiva para esses indivíduos com habilidades, uma vez que isso poderia supostamente proteger essas pessoas de maus-tratos por parte de seus próprios familiares.

O ensaio de abertura de Wendy Turner permite observações sobre a situação em geral das pessoas com deficiências mentais e com isso as atitudes associadas mostradas em relação a elas. O caso do deficiente mental congênito William Mortimer, que herda vastas propriedades mas tem guardiões nomeados para ele e sua propriedade, elucidada o que pode acontecer quando um rei quer o apoio ativo de um proprietário de terras tão poderoso, mais do que apenas uma forma conveniente, mas passiva, de financiamento para a ordenha, o que aconteceu na mudança de governo de Eduardo III para Ricardo II, pela qual William Mortimer, de fato, foi deserdado, de modo que precisamente esse papel ativo, de uso (*utilitas*) de sua propriedade para um propósito, poderia ocorrer. Demonstra também os perigos de ser um pupilo do rei: os interesses reais prevalecem sobre quaisquer salvaguardas legais que possam ter sido criadas para proteger a propriedade de um herdeiro mentalmente incapacitado¹⁷ (TURNER, 2010, p. 199-200, tradução nossa).

inappropriate emotional responses, such as laughter at murder, aided in deciding the guilty and penalty of the accused.

¹⁷ The opening essay by Wendy Turner permits observations on the status in general of mentally impaired people and with that the associated attitudes shown toward them. The case of the congenitally mentally impaired William Mortimer, who inherits vast estates but has guardians appointed for him and his property, elucidates what might happen when a king wants active support from such a powerful landholder, more than just a convenient but passive form of finance there for the milking, which happened in the change in governance from Edward III to Richard II, whereby William Mortimer, in effect, was disowned, so that precisely that active role, of use (*utilitas*) of one's property for a purpose, could occur. It also demonstrates the dangers of being a ward of the king's: royal interests take precedence over whatever legal safeguards may have been in place to protect the property of a mentally disabled heir.

5 Considerações Finais

A análise feita sobre a história dos estudos de desabilidades e as desabilidades em si durante a pesquisa nos possibilita entender melhor a forma como esses diversos problemas foram relevantes para compreendermos a vivência desses grupos ao passar dos séculos, a forma como eram tratados em meio a sociedade em que viviam e o que a sua existência influenciaria na criação de futuras medidas para que fossem tratadas.

A utilização dos diferentes autores presentes na pesquisa foi de suma importância para que pudéssemos apresentar um assunto tão complexo quanto as desabilidades. Ao pesquisarmos mais sobre esse tema durante um período em que os estudos de desabilidades nem sempre se focam, podemos aprender informações importantes para nos ajudar a nos questionarmos sobre os problemas que cercam as pessoas com diferentes formas de desabilidades, apresentando para o leitor uma visão não somente daqueles que estudam a temática por amor ao assunto, mas também pessoas que são exemplos vivos, lidando com preconceitos que, como foi comentado anteriormente na pesquisa, tem raízes mais antigas do que podemos imaginar.

Apesar do pequeno número de pesquisas que tenha como original a língua portuguesa, essa pesquisa serve seu objetivo de disponibilizar essa temática para um público nacional e, possivelmente, servir de inspiração para que mais leitores, sejam eles estudantes ou não, venham a procurar ou até mesmo criar novas pesquisas sobre o assunto das desabilidades na história. É importante que mantenhamos o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre as desabilidades não só no período utilizado por essa pesquisa, mas também em outros momentos da história para que possamos ter mais visibilidade para essas minorias.

Os estudos apresentados por autores como Irina Metzler e Wendy Turner serviram não só para entendermos melhor a análise de desabilidades em séculos passados. Também foram importantes para compreendermos as fontes para muitas pesquisas sobre estudos de desabilidades, as quais foram realizadas por parte de instituições de ensino que tomassem esse tema como assunto principal, influenciando, assim, na criação de diferentes grupos que não só foram importantes para a continuação de novas pesquisas sobre as desabilidades, mas também foram

importantes devido a incorporação de pessoas com desabilidade em seu meio para que suas vozes fossem documentadas. Essas atividades demonstram o reconhecimento que parte da sociedade atual dá para as pessoas com desabilidade e suas experiências, ajudando também no reconhecimento de preconceitos que esses grupos sofrem.

A abordagem de Metzler sobre as desabilidades durante a época pesquisada foi tomada como uma fonte para apresentarmos melhor esses preconceitos e a forma como eles eram demonstrados em fontes antigas, simplificando essa temática para o leitor atual com a utilização termos modernos para explicar as possíveis desabilidades apresentadas estudadas por ela, servindo de inspiração para que a pesquisa dos preconceitos fosse feita. Já a abordagem de Turner sobre o assunto foi utilizada com o intuito de explicarmos melhor para o leitor sobre a forma como essas desabilidades podiam influenciar na vivência dessas minorias e, também, como o assunto de relacionava com a leis e prejuízos impostos pela sociedade, as documentações em sua obra servem como uma forma de termos alguma confirmação sobre esses prejuízos que afetavam pessoas com desabilidades.

Considerando o objetivo da pesquisa feita, as informações disponibilizadas por Metzler, Turner e vários outros autores com foco nos estudos de desabilidades servem como base para aqueles que procuram iniciar novas pesquisas da mesma temática, tendo sucesso em trazer a vista a história das desabilidades na contemporaneidade. Futuramente, seria de grande valor para pesquisas relacionadas ao tema das desabilidades a existência de estudos que aumentassem as áreas geográficas a serem analisadas, uma vez que esta pesquisa não apresenta uma multitude de outras áreas que dependendo da temporalidade, do contexto e da sociedade. Sendo uma temática que pode ser estudada de forma interdisciplinar, seria interessante também que essa pesquisa entrasse em outros campos como a medicina, o que poderia trazer novas formas de aprendermos mais sobre as desabilidades nessa época.

Essa pesquisa teve como outro mostrar ao leitor a importância de levarmos em consideração as vozes desses grupos e termos consciência dos prejuízos que, infelizmente, muitas vezes são reproduzidos. Se continuarmos dando visibilidade para a essa temática, poderemos, esperançosamente, terminar com a reprodução de preconceitos na atualidade e assegurarmos o respeito para com as pessoas com desabilidades.

Referências bibliográficas

- TURNER, Wendy J. **Madness in Medieval Law and Custom**. Boston: Brill, 2010.
- METZLER, Irina. **Fools and Idiots? Intellectual Disability in the Middle Ages**. Manchester University Press, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. França: Perspectiva, 1961.
- THOMAS, Carol; WATSON, Nick; ROULSTONE, Alan. **Routledge Handbook of Disability Studies**. New York: Routledge, 2012.
- PESSOTTI, Isaías. **A Loucura e as Epocas**. São Paulo: 34, 1994.
- TURNER, David M.; STAGG, Kevin. **Social Histories of Disability and Deformity**. New York: Routledge, 2006.
- DAVIS, Lennard J. **The Disability Studies Reader**. Abingdon: Taylor & Francis, 2006.
- Hipócrates. (1999). Da natureza do homem (H. Cairus, trad.). História, Ciência, Saúde, Manguinhos, 6(2), 395-430. (Original dos séculos IVV a.C.)
- MATIAS, Kamilla D. **A Loucura na Idade Média. Ensaio Sobre Algumas Representações**. Coimbra, 2015.
- MARTINS, L. A.-C. P.; SILVA, P. J. C. da; MUTARELLI, S. R. K. A teoria dos temperamentos: do corpus hippocraticum ao século XIX. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, [S. l.], v. 14, p. 9–24, 2008.
- KRAMER, H. & SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. (Tradução de Paulo Fróes)
- KUSHNER, Howard I. **A Cursing Brain? – The Histories of Tourette Syndrome**. Cambridge, MA, Estados Unidos: Harvard University Press, 1999. 312 p.
- WHEATLEY, Edward. **Stumbling Blocks Before the Blind: Medieval Constructions of a Disability**. [S. l.]: University of Michigan Press, 2010. 299 p.
- METZLER, Irina. **A Social History of Disability in the Middle Ages: Cultural Considerations of Physical Impairment**. [S. l.]: Abingdon Routledge, 2013. 347 p.
- PEARMAN, Tony Vandeventer. **Women and Disability in Medieval Literature**. 1. ed. [S. l.]: Palgrave Macmillan US, 2010. 206 p.
- STIKER, Henri-Jacques. **A history of disability**. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 2000. 260 p.
- TURNER, Wendy J. **Care and Custody of the Mentally Ill, Incompetent, and Disabled in Medieval England**. [S. l.]: Brepols Publishers; Multilingual edition, 2013. 244 p.
- METZLER, Irina. **Disability in Medieval Europe: Thinking about Physical Impairment in the High Middle Ages, c.1100–c.1400**. [S. l.]: Routledge, 2010. 364 p.

HOUNIE, Ana; PETRIBÚ, Kátia. **Síndrome de Tourette : Revisão bibliográfica e relato de casos**. Braz. J. Psychiatry, v. 21, p. 50-63, Março 1999.

HORWITZ, Allan V. **Between Sanity and Madness: Mental Illness from Ancient Greece to the Neuroscientific Era**. [S. l.]: Oxford University Press, 2019. 279 p.

FINGER S. Some movement disorders. In Finger S (ed). **Origins of neuroscience: the history of explorations into brain function**. New York: Oxford University Press, 1994:220-239.

BURY, Mike (2001). "Illness narratives: Fact or fiction?". **Sociology of Health & Illness**. 23

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. **Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade**. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 2016, v. 21, n. 10, p. 3061-3070

Hunt, Paul. (1966). **Stigma: the experience of disability**. London, Dublin [etc.] : G. Chapman

GOODLEY, Dan. **Disability Studies: An Interdisciplinary Introduction**. 1. ed. Los Angeles, California: SAGE Publications Ltd, 2011. 232 p.

SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus (Contra os Pagãos) parte II**. Trad. Oscar Paes Leme. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010. P. 144.

SHORTER, Edward. **A History of Psychiatry: From the Era of the Asylum to the Age of Prozac**. EUA, Wiley, 1998, p. 448

SOUTHWORD, John. **Fools and Jesters at the English Court**. Reino Unido: Sutton Pub Ltd, 1998. 224 p.

MCNABB, Cameron Hunt. **Medieval Disability Sourcebook: Western Europe**. EUA: Punctum Books, 2020. 500 p.

YOUNG, Stella Jane. **We're not here for your inspiration**. EUA: ABC News, 2 jul. 2012. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2012-07-03/young-inspiration-porn/4107006>. Acesso em: 31 maio 2022.

NARIO-REDMOND, Michele R. **Ableism: The Causes and Consequences of Disability Prejudice (Contemporary Social Issues)**. 1. Ed, EUA: John Wiley & Sons, 2019. 401 p..

SIPERSTEIN, G.N., Pociask, S.E., and Collins, M.A. **Sticks, stones, and stigma: a study of students' use of the derogatory term "retard"**. Intellectual and Developmental Disabilities 48 (2): 2010, 126–134